Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.° á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.° ANNO — VOLUME X — N.° 300

21 DE ABRIL 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Por causa das solemninades da Semana Santa, que se seguiram logo immediatamente ao bom successo de sua alteza a princeza D. Amelia, o baptisado do novo principe, só se poude realisar na quinta feira da semana passada, dia 14 d'abril.

O baptisado do principe da Beira, foi uma festa brilhante, mas muito restricta: não se tornou n'um grande e bello espectaculo para toda a cidade, como d'ordinario são estas festas reaes, porque ao contrario do que ao principio se disse, a cerimonia não se realisou nem na Sé, nem em S. Domingos — como eram as primeiras tenções. Por fim o templo escolhido para a imposição dos santos oleos ao futuro herdeiro da corôa portugueza, que como em tempo dissemos, fora baptisado logo depois de nascido, no paço de Belem, pelas mãos do sr. cardeal patriarcha de Lisboa, foi a capella particular do Real Paço da Ajuda.

D'ahi, o ser muito curto o trajecto do cortejo baptismal, e o ser dado apenas a um pequenissimo numero d'espectadores o satisfazer a curiosidade que toda a gente tinha de ver o novo principe, que pela primeira vez apparecia em publico, e ao mesmo tempo de gosar essa apparatosa festa regia.

E como pouca gente assistiu a essa festa, vamos descrevel-a aqui mais minuciosamente.

Quando á 1 hora da tarde o cortejo sahiu do paço de Belem, pela porta da calçada do Galvão, para o palacio da Ajuda, esse cortejo compunha-se apenas de duas carruagens de gala, que eram precedidas e seguidas, por esquadrões de lanceiros.

Na primeira carruagem iam, o principe da Beira a ama e a sr.ª condessa de Sabugosa: na segunda o principe real D. Carlos, acompanhados pelos srs. conde de S. Mameed e Duval Telles.

Á porta da capella real da Ajuda, era esse cortejo esperado por sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa, acompanhado do cabido, deputações das camaras dos pares e deputados, da camara municipal de Lisboa, côrte, etc.

O prestito entrou na pequena capella, rica e elegantemente ornamentada, pela seguinte ordem:

Quatro reis d'armas e passavantes.
Dois porteiros da canna.
Officiaes menores da casa real.
Casa militar d'el-rei.
Deputação da camara municipal, da camara dos deputados e da dos pares.
Ministerio.
Grandes do reino.

Suas altezas a princeza D. Antonia e seu marido o principe de Hohenzollern, a princeza Helena de Orleans e seu irmão o principe Fernando, o principe D. Carlos, os srs. infantes D. Affonso e D. Augusto:

Os srs. duques de Montpensier.

El-rei, dando a direita á sr.ª condessa de Paris, e o sr. conde de Paris, dando a direita a sua magestade a rainha sr.ª D. Maria Pia.

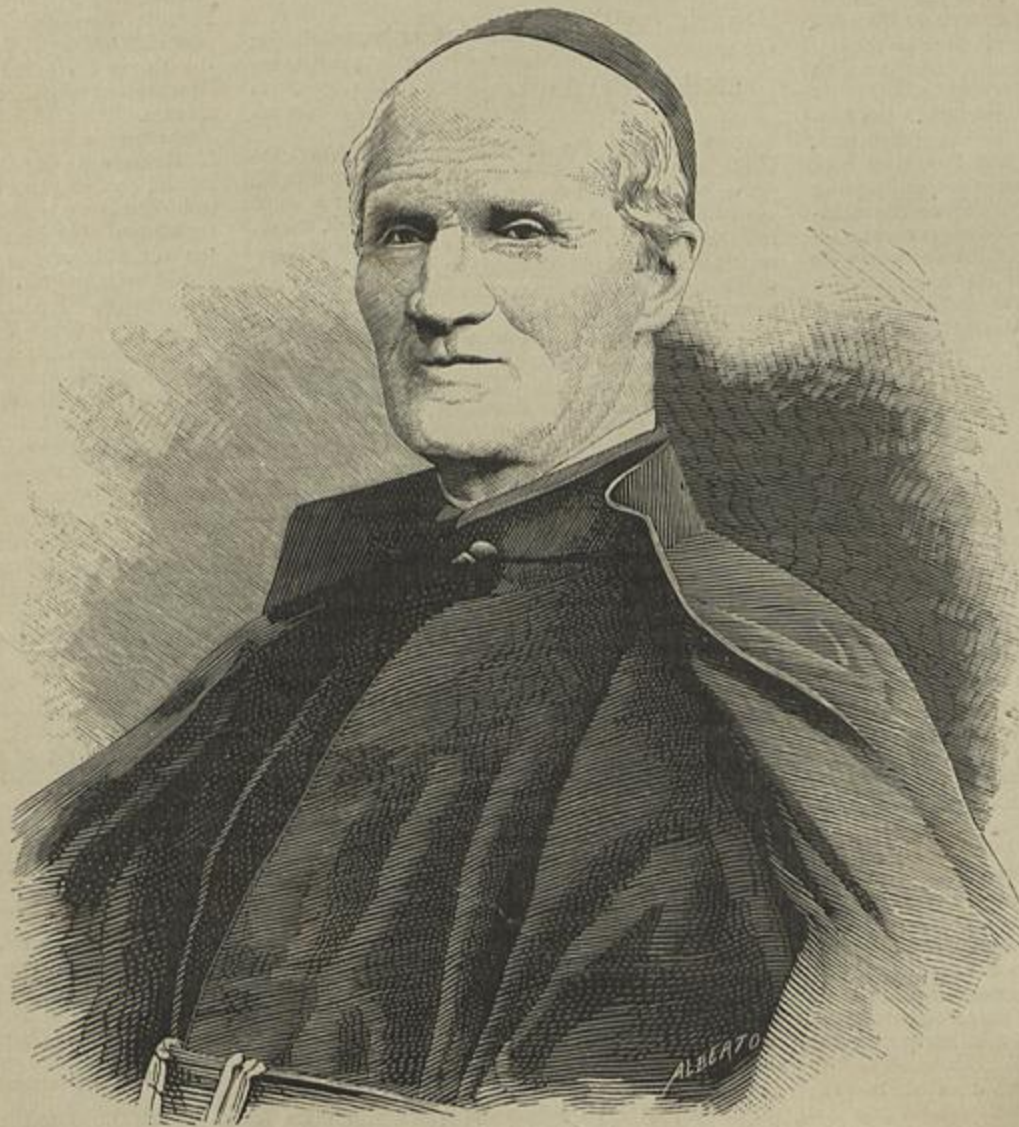
Fechava o cortejo, debaixo do pallio, a cujas varas iam os srs. marquezes de Sabugosa, de Pombal, de Cezimbra, de Rio Maior, de Thomar, de Fronteira, de Bellas e de Vallada, sua alteza real o principe recemnascido, envolvido n'uma capa de seda branca, ao collo de seu aio o sr. duque de Loulé e acompanhado pelas sr.as condessas de Murça e de Sabugosa, damas da sr.ª duqueza de Bragança.

O sr. duque de Palmella levava a veste candida sobre uma salva de prata, o sr. marquez de Ficalho o cyrio, e o sr. D. Luiz de Mascarenhas o massapão.

O sr. cardeal patriarcha quando o cortejo chegou ao altar mór, onde estavam dois elegantes e riquissimos berços, para o neophyto descançar, fez uma rapida allocução, começando em seguida a cerimonia baptismal.

Finda ella, cantou-se um *Te-Deum*, escripto expressamente para essa festa pelo sr. Rio de Carvalho, e que é um bello trecho de musica, e em seguida el-rei, a rainha, os infantes, os seus reaes hospedes, passaram á sala do throno onde receberam as felicitações do ministerio, camaras, altos dignitarios e côrte.

O dia do baptisado do principe da Beira foi considerado de gala, para todos os effeitos, á noite houve illuminações em Lisboa e em Belem, illuminações officiaes e particulares, que se não foram d'um grande brilho, como as illuminações do casamento do principe real, sahiram comtudo do ram-rão habitual da luminaria de noite de gala, tornando-se verdadeiramente notaveis as dos palacios do sr. conde de Burnay e do sr. conde de Restello.

No paço da Ajuda houve n'essa noite jantar de gala, a que assistiram os srs. condes de Paris e seus filhos, os srs duques de Montpensier que vieram expressamente a Lisboa para assistir ao ba-

O reverendo padre Pedro Beckx, geral da Companhia de Jesus
Fallecido em 4 de março de 1884

ptisado e estão alojados no palacio das Necessidades, a sr.ª infanta D. Antonia e principe de Hohenzollern, ministerio, altos dignitarios, côrte.

O jantar foi de 176 talheres, esteve animadissimo e ao *dessert* sua magestade el-rei D. Luiz, fez em francez um eloquente brinde.

Dias depois do baptisado do principe da Beira, o seu avô paterno, o sr. conde de Paris, partiu, por mar, para Inglaterra, onde se irá encontrar, dentro em breve a sr.ª condessa de Paris.

E assim terminaram as festas do nascimento do principe da Beira e do feliz successo de sua alteza a sr. duqueza de Bragança.

Estes dez dias passados tem sido em Lisboa cheios de novidades artisticas e de acontecimentos theatraes, acontecimentos e novidades a que motivos de ordem perfeitamente particular me não deixaram assistir.

Por isso, para o cumprimento do nosso dever de chronista, teremos de recorrer ás informações, algumas das quaes estão muito em desaccordo com as opiniões geralmente expendidas.

E dá se esse caso com relação á grande novidade artistica por excellencia, aos concertos de musica allemã, dados no salão da Trindade, por Amalia Materna, a grande cantora austriaca, Varette Stepanoff, pianista russa e a juvenil violonista Grabiella Neusser.

Ouvimos e lêmos já algures, que das tres artistas a mais notavel é a pianista Stepanoff.

Esta opinião impressionou-nos tanto mais que de ha muito conheciamos o nome laureado de Materna, a grande interpetre de Wagner, essa fiel crente do grande maestro, essa enthusiasta apostola da musica wagnerianna, que tantas vezes tem feito, unicamente por amor da arte, a peregrinação artistica de Beyreuth.

E muito intrigados fomos então ás informações e tivemos a boa sorte de encontrar logo as informações d'um espectador da primeira noite, que é não só um grande amador de musica, um fanatico da bella arte; mas tambem um critico excellente, educado no estudo constante da musica classica e da escola allemã, uma verdadeira auctoridade em assumptos musicaes, como o é tambem em assumptos medicos.

E o meu illustre informador fez-me rapidamente, no seu estylo brilhante, clarissimo e conciso, a critica das tres artistas que o sr. Amann, esse sr. Amann a quem Lisboa deve o ter ouvido tantas notabilidades artisticas, trouxe agora ao salão da Trindade.

Amalia Materna é uma grande artista, uma cantora de raça, mestra consumada na arte do canto, d'uma correcção inexcedivel, d'uma consciencia artistica maravilhosa, desprezando profundamente tudo o que é *ficelle*, cantando estricta e rigorosamente a musica que os maestros escreveram.

É uma *musicienne* prodigiosa. A sua voz é de grande volume, muito extensa, bem timbrada e apesar de não têr já a frescura primaveral que raras vezes se junta á completa sciencia do canto — como é facil de comprehender — não denuncia ainda muito vesivel cançaso.

Cantora dramatica acima de tudo, Amalia Materna não se póde bem apreciar em musicas de concerto, cantando fóra do quadro especialissimo, indispensavel das operas de Wagner, em que ella é assombrosa.

Ainda assim, cantando em *toilette de baile*, no estrado d'uma sala de concerto, trechos soltos das suas grandes operas, romanza e canções de Schunmann de Schubert — que não são a sua especialidade artistica — apesar de as cantar magistralmente — *on sent qu'elle a des ailes.*

As arias de *Fidelia* e o do *Tanhauser* que ella cantou no primeiro concerto, foram uma obra prima de execução artistica e deixaram adivinhar o que será essa grande artista representando qualquer d'essas famosas operas.

A pianista russa a sr.ª Stephanoff, é uma pianista brilhante, mas falta-lhe escola; são estas as nossas informações.

Essa é o contrario de Amalia Materna; e não despreza as *ficelles*, pelo contrario cultiva-as com amor e d'ahi o seu enorme effeito sobre a grande massa do publico.

No concerto de Mendelssohn que ella executou na primeira noite, faltou-lhe por vezes o estylo classico, a escola, a tradicção; mas sobejou-lhe o colorido, um colorido exagerado que os raros entendedores poderiam censurar, mas que produziu um grande effeito.

A violinista Gabriella Neusser é uma artista que começa.

No theatro de D. Maria houve tres festas a seguir, na mesma semana.

Na noite de treze o beneficio de Silva Pereira deu ao theatro uma grande enchente, e ao excellente artista ruidosas ovações.

Poucos artistas teem as sympathias justissimas, as amizades dedicadas, que Silva Pereira tem grangeado em Portugal e Brazil, pelo seu bello caracter permanente bom humor, pelas suas distinctas qualidades e por isso em poucas festas artisticas ha a alegria franca e unanime, os applausos numerosos e sinceros e que festejam sempre os beneficios do distincto actor.

Na noite de 14 realisou-se alli o beneficio d'uma actriz d'outro theatro, do Principe Real, mas que por annos teve *successos* no theatro de D. Maria e que usa um nome que foi o mais glorioso do theatro portuguez contemporaneo, a actriz Amelia Vieira dos Santos, a viuva do grande actor José Carlos dos Santos.

Por muitos artistas do theatro de D. Maria quererem tomar parte na festa da sua illustre collega, da viuva do seu chorado e inolvidavel mestre, e não lhes permittirem os estatutos da sociedade emprezaria do theatro de D. Maria o irem representar a outro theatro, o beneficio de Amelia Vieira realisou-se alli, com uma enchente collossal e enthusiasticos applausos.

Finalmente no sabbado 16, fez beneficio tambem no mesmo theatro uma das actrizes mais distinctas e elegantes que pizam hoje o palco portuguez, a formosa actriz Amelia da Silveira.

O theatro novamente se encheu e os applausos repetiram-se, como se estivessem na ordem da semana no theatro de D. Maria e a gentillissima actriz teve uma festa brilhante, festa que o seu bello talento, justifica amplamente.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PADRE PEDRO BECKX
GERAL DA COMPANHIA DE JESUS

No dia 4 de Março do corrente anno falleceu em uma modesta cella do Collegio Germano, em Roma, o reverendo padre Pedro Beckx, geral da Companhia de Jesus, cujo retrato publicamos na nossa primeira pagina.

Contava proximo de noventa e um annos de idade, mas a sua robustez poude resistir a uma grave enfermidade que o accommetteu em principios do anno passado, em Villa Tarlonia, proximo de Frascati, onde se achava, quando ultimamente alli falleceu o padre Betty, procurador geral da Companhia, e amigo muito intimo de Beckx.

Esta morte sensibilisou extraordinariamente o velho ancião, que não poude resistir a tão fundo golpe, e se retirou immediatamente de Villa Tarlonia, recolhendo-se ao Collegio Germano, em Roma, onde, conforme dissemos, falleceu.

Pedro Beckx nasceu em Sichem, povoação de Brabante, na Belgica, a 8 de fevereiro de 1795. Fez os seus primeiros estudos em Testelt, proximo da terra da sua naturalidade, e em 1815 matriculou-se no seminario de Malinas, onde teve por mestre o sabio padre Engelberto Sterckx.

Feito presbytero em 6 de Março de 1819, foi nomeado vigario de Uccle, em cuja humilde parochia permaneceu tres mezes, d'onde passou como noviço para o convento dos jesuitas de Hildesheim, no Hanover, a 29 de Outubro do mesmo anno.

Exerceu depois por largo tempo o cargo de superior da missão de Anhalt-Koeten, conseguindo converter ao catholicismo o chefe do Estado, o duque Fernando, de quem se tornou seu director espiritual.

Desempenhou varias commissões importantes na Baviera e na Austria; e em 1846 foi encarregado do restabelecimento dos jesuitas em Veneza, que então ainda estava sob o dominio da Austria.

Em 1849 foi escolhido para secretario-conselheiro da Companhia, na Belgica, e no anno seguinte nomeado reitor do Collegio de Jesuitas de Lovaina.

Eleito, em 1852, provincial em Austria, trabalhou com o mais ardente zelo para conseguir o restabelecimento da Ordem na Hungria, e a fundação do collegio noviciado de Tyrnau.

Por ultimo, a 2 de Julho de 1853, foi chamado a succeder ao geral da ordem, reverendo padre Roothaan, que havia fallecido poucos dias antes.

Este elevado cargo desempenhou-o o padre Beckx distinctamente por espaço de trinta e trez annos e oito mezes, servindo bem a Companhia, a qual procurou engrandecer com o maior zelo e actividade.

Augmentou o numero de religiosos em Hespanha, França, Portugal, e Irlanda, assim como em outros pontos da America. Criou novas missões nos Estados Unidos do Norte, na Guyana franceza, em Calcuttá, Constantinopla, Australia, Brazil, Novo Mexico, Madagascar, e Armenia, e obteve da Santa Sé grandes concessões para os seus religiosos e protectores da Ordem, conseguindo a canonisação e beatificação de mais de oitenta jesuitas, etc.

A sua morte foi seguida de todos os actos de humildade que a ordem de Jesus observa. O corpo do padre Beckx esteve dois dias exposto n'um pobre esquife collocado no chão da sua cella; o seu enterro fez-se sem a menor pompa.

Ao padre Beckx succede em Geral da ordem o reverendo padre Anderledy, vigario e vice-geral da mesma ordem desde 1883.

NAS MARGENS DO DANDE — A FAZENDA GRATIDÃO

O rio Dande é um dos mais caudaes e pittorescos da provincia de Angola. Serpenteando em caprichosas curvas, percorre uma grande extensão, banhando povoações importantes do concelho de Dande, e recebendo agua de varios affluentes, que no tempo das chuvas engrossam prodigiosamente a sua corrente.

Vae desaguar na enseada do Libongo, correndo sempre entre apertadas curvas até á foz, onde as suas margens, muito ferteis, são cultivadas em grande parte, ostentando uma opulenta vegetação.

A similhança de outros rios d'esta provincia, é pouco funda a sua barra, devido ás muitas areias amontoadas pelas cheias, sendo não obstante navegavel para pequenas embarcações até grande distancia.

É muito abundante em pesca, e no seio das suas aguas vivem centenas de jacarés e hyppopotamos.

É na margem esquerda d'este rio que, conforme já dissemos a paginas 11 do presente volume, que se acha estabelecida a fazenda Gratidão, vasta propriedade agricola situada a 20 kilometros da foz do rio e a 40 kilometros de Loanda, estendendo-se ao longo do rio n'uma extensão de 7 kilometros.

Quando a paginas 11 do presente volume publicámos um pequeno artigo a respeito d'esta fazenda, para acompanhar uma gravura de uma machina para irrigação, commettemos uma inexactidão por falta de clareza dos apontamentos que obtivemos para o referido artigo, errando o nome do seu proprietario, o qual é o sr. Joaquim Martins da Cunha e não Francisco Joaquim da Cunha, como então dissemos.

A fazenda Gratidão foi fundada em 1864, pelo negociante da praça de Loanda sr. José Bernardo de Silva, o qual encetou alli a cultura da canna de assucar, fabricando a primeira aguardente que se produziu no Dande, em 1867.

Receioso que os resultados d'esta industria fossem negativos, em consequencia da pouca ou nenhuma protecção que o governo prestava á agricultura, como ainda hoje alli succede, o sr. José Bernardo da Silva não dotou de seu principio esta propriedade com todos os apparelhos que seria mister para ella se desenvolver largamente.

Só mais tarde, em 1869, por fallecimento do proprietario, passando a fazenda Gratidão para a posse dos sobrinhos d'aquelle, srs. José Martins da Cunha e Joaquim Martins da Cunha, é que ella se desenvolveu mais, pelos esforços dos seus novos possuidores, que augmentaram a cultura e adquiriram novas apparelhos de distillação e machinas apropriadas, com o que elevaram consideravelmente a producção de aguardente, sendo actualmente a fazenda Gratidão a fabrica mais importante de aguardente do Dande.

Em 1879 falleceu um dos proprietarios d'esta fazenda, o sr. José Martins da Cunha, mas apesar de tão grande perda, o proprietario sobrevivente sr. Joaquim Martins da Cunha, não desanimou, e proseguiu nos melhoramentos da sua lavoura.

Defendeu, por meio de diques, a sua propriedade, das cheias do rio na epoca das chuvas, o que se pode ver na gravura a paginas 93, e esta obra importante garantiu-lhe mais segurança para a cultivação dos seus terrenos. Para fazer as regas adquiriu uma bomba movida a vapor, a qual se acha representada na gravura que publicamos a paginas 13 do presente volume.

As edificações da fazenda Gratidão são todas de alvenaria, á excepção da senzala dos serviçaes, e

as casas de habitação acham-se construidas sobre um monte calcareo, 20 metros acima do nivel do rio, e por isso mais ao abrigo da humidade, em plano arejado e salubre.

A nossa gravura de paginas 96 representa essas casas, muito similhantes ás que se encontram nas propriedades ruraes do nosso paiz, o que para muitos não deixará de ser novidade, por, em geral, se pensar que em Africa só ha cubatas de pretos.

Nós registramos sempre com prazer estes progressos da nossa Africa, e louvamos todos os homens que para alli teem dirigido as suas attenções e empregado o seu esforço no desenvolvimento das riquezas naturaes d'aquella fertil região, que só pede braços e intelligencias que a façam prosperar.

Brevemente publicaremos mais algumas gravuras d'esta fazenda, e diremos mais alguma coisa a respeito da sua producção e pessoal.

Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto.

(Conclusão)

O distincto professor da Academia Portuense de Bellas-Artes, o sr. Marques de Oliveira, um dos nossos artistas mais justamente considerados, expõe um grande numero de trabalhos, paizagens, retratos, aguarellas e desenhos a pastel.

Nas paizagens, a maior parte agradaveis impressões colhidas nas risonhas margens do Vizella e do Souza, na pittoresca aldeia de Cette e nas praias de pescadores da Povoa e de Valbom, ha sempre a mesma justeza de interpretação, a propriedade da côr local e essa alegria de tintas que dá a nota palpitante da suave poesia que transpira da vegetação luxuriante das campinas do Minho.

Entre esses quadrosinhos ha alguns excellentes, como aquelles em que se destacam pedaços de agua de uma transparencia crystalina e na qual se reflectem ora a sombra escura de um barco, ora as ramagens esverdeadas dos arvoredos.

Ha ainda um genero de pintura, em que Marques de Oliveira se torna apreciabilissimo. É a pochade. Entre nós, ninguem sabe como elle dar a impressão exacta de um ponto qualquer, de um ajuntamento, fazendo vibrar as côres n'essa agradavel confusão de pinceladas apparentemente descuidadas, mas que se harmonisam e se destacam na determinação caracteristica dos objectos observados.

Marques de Oliveira expõe tambem quatro retratos, dois dos quaes, os do sr. Eduardo Machado e de sua esposa, são notaveis pela correcção de desenho e pela naturalidade de colorido. O da senhora, tem um vestido de setim admiravelmente pintado. Os outros dois retratos, são mais inferiores: um de creança prejudica-se pela tonalidade sombria e pelo fundo, sobre o qual a figura se recorta de um modo desagradavel; o outro tambem impressiona mal pela dureza da modelação de algumas linhas da phisionomia, agravada ainda por uns reflexos metalicos com os quaes o artista quiz accentuar a ossatura pronunciada do retratado.

Ha ainda do mesmo artista alguns estudos de aguarella, incompletos, na maior parte costumes, e dois formosos desenhos a pastel, um magnifico retrato de senhora e um delicioso effeito de manhã, em Vizella.

O que aconselharia ao talentoso pintor era que retirasse da exposição aquelle «Costume dos arredores do Porto», porque a pobre rapariga, atacada de ictericia, parece preferir mais um leito no hospital, do que aquella exhibição mortificante.

A um medico ouvi eu, que se não lhe accodem depressa, a desventurada tem os seus dias contados.

Julio Costa, um rapaz estudioso e de grande vontade, enviou dois trabalhos que se intitulam: «Levada da bréca» e «Oh que chapeu...».

O primeiro representa um interior de escola em que se vê uma pequenita de castigo sobre um banco, correspondendo com esgares endemoinhados á troça que lhe fazem as condiscipulas.

Se bem que a figura, pela sua attitude violenta, fórma uma linha pouco agradavel, o quadro tem qualidades recommendaveis.

A physionomia da pequena exprime bem a situação, as roupas estão tratadas com esmero e os restantes accessorios copiados igualmente com fidelidade.

«Oh que chapeu...» é uma cabecinha alegre de criança, risonha, viva, talvez de um collorido um tanto exagerado, mas apreciavel.

O sr. Marques Guimarães destaca-se na exposição pelos seus quadros de flores, especialidade em que se está tornando muito distincto. As rosas e as camelias resplandecem sob o seu pincel, em uma formosa correcção de fórma, em um brilhante aveludado de collorido e n'uma frescura palpitante de verdade.

Encanta olhar para flores assim pintadas, entre as quaes ha algumas admiraveis e só causa pena, que o artista, por um capricho de phantasia, colloque ás vezes os seus deliciosos ramilhetes em pobrissimos pucaros de barro ordinario.

Marques Guimarães apresenta mais: alguns quadros de fructas e de natureza morta, em que se assignalam uns ruivos, uns pecegos e uns melões excellentes; umas tres paizagens regulares; um bello retrato de senhora idosa, notavel pelo desenho, pela expressão e pelo collorido; mais dois outros pequenos retratos de menor merecimento; e um quadro intitulado «Um jejum a preceito» gracioso epigramma traduzido por um numero do jornal religioso *A Palavra*, collocado sobre uma meza de jantar em que se destaca no meio de copos, garrafas, pratos, etc., um pedaço de fiambre, pouco apettitoso pelo deslavado da côr. Em compensação, os crystaes, as fructas, uma jarra e outros promenores estão muito bem pintados.

Em esculptura, o artista de que se trata, apresenta ainda um retrato, em busto, modelado com intelligencia, mas um tanto prejudicado pela pouca nitidez da moldação no gesso.

Silva Porto, o eximio professor e o paizagista insigne, cujos quadros tanta voga tem alcançado entre nós, enviou cinco paizagens.

Em todas ellas, ápart as qualidades do desenho que as distinguem, nota-se a mesma tendencia do artista para o negro, o que dá aos seus quadros um tom funebre e desolador.

Tudo n'essas telas é sombrio, escuro, desde a atmosphera até á vegetação. Que essa tonalidade triste se accentue nas charnecas, ou nos plainos requeimados do Alemtejo, comprehende-se; mas no Minho, onde o sol doura estes pedaços de natureza, alastrados de uma verdura sempre risonha, não se concebe.

Assim, aquellas paizagens de Vizella e a capella de Cette podem ser tudo, menos lacalidades do norte de Portugal, porque lhes falta essa tonalidade caracteristica da natureza minhota.

Um outro facto notamos ainda nos quadros de Silva Porto. É a rapida decomposição das tintas, o que contribue para lhes dar em pouco tempo um aspecto de pintura antiga. O «Effeito da manhã em Vizella», quadro pertencente ao sr. A. Jonsé da Silva, por exemplo, dir-se ia ter a existencia de um seculo, de tal modo enegreceu!

Que me releve o distinctissimo artista estes reparos, filhos unicamente da sinceridade de apreciação de que costumo usar sempre.

O sr. Eduardo Teixeira expõe tres paizagens, das quaes se extrema a que tem por titulo «Rio das Lavadeiras», pela belleza de côr e por alguns promenores, se bem que se possa notar n'essa composição uma certa disparidade de valores; um retrato muito regular, do sr. Xavier Pinheiro; e dois quadros para casa de jantar, com algumas qualidades apreciaveis.

O sr. Adolpho Nunes enviou uma paizagem e um quadrosinho, que tem por titulo «Um desattencioso». Representa um rapaz distrahido do estudo do alphabeto que tem nas mãos. A figura está bem movimentada, é boa a expressão e se o desenho fraqueja um pouco, o quadro de que se trata não deixa comtudo de recommendar-se.

O sr. João José Nogueira, expõe um pequeno estudo academico «Dedalo e Icaro». Para o primeiro personagem o artista parece que escolheu para modello uma rapariga, addiccionando-lhe depois os attributos masculinos. Do resto um trabalho nada feliz.

O sr. Joaquim Victorino Ribeiro apresentou-se de um modo pouco airoso para o seu bom nome e para o seu talento. Expõe apenas um esboceto, que tem um titulo maior que o proprio quadro: «Viriato percorrendo o campo do massacre e chamando os seus patricios ao combate». A figura do principal personagem, pela sua attitude extravagante, chega a tornar-se burlesca. Depois, no que toca á verdade archeologica, todas as roupas deixam bastante a desejar. Estes assumptos historicos são de uma delicadeza, que tratados superficialmente, cahem do ridiculo. N'este esboceto, o distincto artista só se revela bem em duas figuras que n'elle se vêem e no colorido, em que ha manchas agradaveis.

De amadores, o unico que concorreu á exposição foi o sr. Xavier Pinheiro. Apresenta um effeito do pôr do sol, nas margens do Certoma, largamente tratado e intelligentemente comprehendido. Tambem exhibe dois estudos de aguarella apreciaveis.

N'este ultimo genero ha ainda a especialisar uma cesta de camelias, delicadamente pintada pela sr.ª D. Francisca de Almeida Furtado, academica de merito da Academia Portuense de Bellas Artes.

Em esculptura figuram, além do busto do sr. Marques Guimarães a que já me referi, um retrato, em medalhão, do sr. Antonio Teixeira Lopes, actualmente em Pariz; e dois bustos e dois medalhões do sr. Serafim de Souza Neves, um artista de merecimento, discipulo de Soares dos Reis. O retrato do pae d'este artista é de uma modellação vigorosa e correcta e essas mesmas qualidades se fazem notar nos medalhões. Ha ainda do mesmo esculptor um bustosinho, microscopico, trabalho pacientissimo e notavel pela similhança do individuo retratado.

E aqui termino a resenha da actual exposição de bellas artes do Atheneu Commercial.

Dos quadros expostos apenas se tem vendido alguns de Silva Porto, Marques de Oliveira e Marques Guimarães.

Porto, abril.

Manoel M. Rodrigues.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

I

Ha ideias que, depois de inveteradas n'um cerebro, nunca mais d'elle se desalojam.

Um distincto facultativo meu conhecido, contava-me um dia que nunca receitava belladona sem levar a mão á cabeça.

Elle lá se entendia...

E tinha carradas de razão e de espirito, na origem d'aquelle costume.

Fôra um dia chamado, á pressa, para tratar uma senhora.

Era então ainda novo, agil; a enferma estava em perigo; foi, a correr.

A doente sentia uma dôr violenta no peito; dôr que a fazia gritar por soccorro, e quando este lhe chegou, encarnado no medico, a gentil doente, por que era uma gentil italiana a enferma, quasi que o beijou

Tudo isto ia muito bem, mas o peior era que ella tinha por marido um alentado italiano, forte como um rochedo, musculoso e... ciumento como todos os demonios!

Deixara as margens do Adriatico para vir cantar em S. Carlos, mas podia bem poupar-se a esse incommodo, porque, a julgar pelos seus pulsos, se a voz fosse tão possante como a musculatura, podia bem cantar de Brindisi ou de Veneza, que mesmo assim nós de cá o ouviamos.

Este Othello embirrou logo com o doutor, por este — no exercicio das suas funcções scientificas, querer ver o sitio onde a dôr se localisava.

Depois o medico foi para a meza receitar — sempre acompanhado pelos olhares do marido, — e, feita a ordem para a botica, veio lel'a á doente:

— Belladona... começou elle.

— Bella dona! exclamou o marido — voreste fare una declarazione damore alla mia moglie?

E sem mais cerimonias, assentou-lhe no toutiço um valente murro.

Custou a metter na cabeça do enraivecido baritono, que o medico apenas receitára uma pomada calmante, e não uma cataplasma irritante d'amor.

Afinal, desfez se tanto em desculpas pelo seu engano, como se ia desfazendo a nuca do medico com o murro.

Era por este motivo que o distincto doutor não podia lembrar-se da belladona sem levar a mão á cabeça.

A mim succede-me o mesmo. Que querem? Apesar da minha occupação me pôr sempre diante dos olhos estas palavras: — Caminho de ferro de Cintra — não posso lembrar-me d'ellas sem levar a mão ao pescoço.

É que eu tenho no pescoço, como na mente, a recordação bem viva da primeira linha ferrea que ligou a nossa capital á bella Cintra — O Larmanjat!

Se eu quizesse paraphrasear o explendido conto de Rebello da Silva «A ultima corrida de touros em Salvaterra» poderia intitular a discripção do passeio que fiz n'aquella linha: «A ultima viagem do Larmanjat em Lisboa.»

Porque foi a ultima, com effeito.

ERMIDA DA SENHORA DO VALLE, CETTE. — *Quadro de Silva Porto*

DEBAIXO DA RAMADA. — *Quadro de Antonio José da Costa*

O PÔR DO SOL, MARGENS DO CERTOMA. — *Quadro de Xavier Pinheiro*

VALBOM, BARCOS DE PESCA
Quadro de Marques d'Oliveira

LEVADA DA BRECA. — *Quadro de Julio Costa*

INFUSA DE FLORES
Quadro de Marques Guimarães

Nós, um alegre rancho de familia, combinámos um *pic-nic* no Lumiar.

Ás 6 horas partia o comboio do largo de Santa Barbara, onde é hoje a fabrica de cerveja, e ás 5 e meia já nós todos, acompanhados por uns gallegotes que sobraçavam malas e condeças com as comidas, entravamos o largo portão, contentes, pressurosos, receiando que o trem já tivesse partido.

Chegaram as 6 horas, e nós, já na carruagem, esperavamos a todo o momento o signal da sahida; mas... nada.

Seis e meia, sete horas, e a carruagem sem se mecher.

Verdade seja tambem que ninguem mais se mechia na estação. Eramos nós os desinquietos; nós e um outro passageiro que, apertado n'um compartimento mais estreito do que o nosso, grunhia de vez em quando.

Era um leitão vivo que eu levava n'uma condeça, para o jantar.

Repetidas vezes um de nós, com excepção do leitão, bem entendido, assomava á portinhola, e ao voltar para dentro respondia ás interrogações dos demais:

— Nada.

Dir-se-hia que representavamos alli o José do Capote.

Afinal, a uns certos pedidos nossos, eram boas 8 horas quando partiu o comboio das 6.

Se nas outras linhas se fizesse assim, acharia razão a um sujeito que ha dias me perguntou pelo telephone, com todo o empenho, a que horas partia o comboio das 7.

Lá fomos até o largo de Arroios, mas chegados ahi, como tivesse chovido na vespera e as longarinas estivessem humidas, não havia meio de vencer a rampa e a curva.

O conductor vociferava e... empurrava o comboio pela ultima carruagem; a machina *patinava*, nós riamos e... o leitão grunhia no seu cesto.

Gasto todo o vapor, tivemos que recuar até a estação, para deixar uma carruagem vazia e tomar agua.

De novo seguimos em expresso, a machina e a nossa carruagem; um comboio só para nós; uma ostentação a 120 réis por cabeça; e d'esta vez vencemos a rampa, atravessamos as terras da polvora e fomos até as portas.

Ali, nova paragem, que d'esta vez foi vencida, não com agua mas com lume, deitando-se mais carvão na fornalha.

Os extremos tocavam-se por esta forma mas o peior foi que, na curva para a estrada do Campo Pequeno, uma nuvem de bocados de carvão a arder sahiu pela chaminé da machina, entrando-nos na carruagem, queimando os vestidos das senhoras, as sombrinhas das creadas e... o meu pescoço.

Até o leitão ia ficando assado, com cesto e tudo!

Pela minha parte fiquei com as guellas em braza, formando-se-me uma chaga que levou seus 15 dias a curar.

Pode-se bem dizer que ardi com a viagem, e fiquei escaldado de Larmanjat para toda a minha vida.

Afinal, e omittindo outras peripecias, lá chegámos ao Lumiar, eram 10 horas dadas, apeando-nos na *estação*, constituida por uma velha sentada n'um mocho, com uma bandeira na mão.

O comboio, vendo-se vazio de passageiros, teve indecizões intelligentes, sobre se deveria seguir ou ficar; e ainda não sei o que resolveu, porque de tarde, findo o nosso passeio, quando alli voltámos a perguntar pelo que nos devia conduzir a Lisboa, não encontrámos nem velha, nem mocho, nem bandeira, e só uns saloios que nos disseram:

— O vapor? Ah! Esse veio aqui pela manhã trazer uma familia (eramos nós) mas nunca mais cá voltou.

Foi a ultima viagem, a nossa.

E aqui teem os leitores porque eu não posso ouvir fallar em caminho de ferro de Cintra sem me lembrar do Larmanjat, levando instinctivamente a mão ao pescoço.

A nova linha, porém, da qual vamos dar, a começar no proximo numero, as vistas das suas principaes obras d'arte, não tem nada de Larmanjat, sendo aliaz, uma das mais commodas e pittorescas vias ferreas do nosso paiz, a par de uma grande utilidade para as localidades que serve.

Mas o artigo vae longo, e por isso no proximo numero começaremos tambem a descripção d'estas gravuras.

Esquecia-me dizer-lhes, ainda a respeito do Larmanjat, que, graças á demora do comboio, não houve tempo para assar o leitão que regressou intacto, grunhindo vivas ao marechal Saldanha, o introductor d'aquelle systema de viação em Portugal.

A quelque chose Larmanjat est bon.

L. de Mendonça e Costa.

AFRICA PORTUGUEZA — NAS MARGENS DO DANDE — A FAZENDA GRATIDÃO (Segundo uma photographia)

VICENTE JORGE DE CASTRO

V

Em 1856 achava-se a typographia de Castro e Irmão estabelecida na rua da Boa Vista, n'um predio junto á Companhia do Gaz.

Por este tempo já as suas officinas tinham attingido um certo desenvolvimento, achando-se munidas de todo o material typographico mais moderno, e realisando grandes progressos na impressão, que se achava ainda muito atrazada entre nós.

Tentou por este tempo Vicente Jorge de Castro fazer uma publicação illustrada, que elle tinha como um meio de aperfeiçoamento para a impressão, ao mesmo tempo que desejava dar um impulso vigoroso á gravura em madeira em Portugal, que elle considerava tão intimamente ligada á typographia, como effectivamente é, pois que, para assim dizer, com ella nasceu e com ella se tem desenvolvido e aperfeiçoado.

Para realisar o seu intento organisou uma so-

ciedade entre elle, seu irmão João Maria de Castro e o sr. Thomaz de Aquino Gomes, sob a firma de Castro Irmão & C.ª

Foi esta sociedade que publicou o *Archivo Pittoresco*, semanario illustrado, que alcançou grande nome entre as publicações litterarias em Portugal, e que ainda hoje é recordado com interesse e sympathia.

Depois do primeiro *Panorama*, o *Archivo Pittoresco* foi o semanario litterario que mais se distinguiu pela sua selecta collaboração, confiada aos escriptores mais reputados da nossa litteratura.

Foi seu primeiro redactor José de Torres; seu primeiro dezenhador Manuel Maria Bordallo Pinheiro; e seu primeiro gravador José Maria Baptista Coelho.

Em breve, porem, o *Archivo Pittoresco* alargou os seus meios litterarios e artisticos.

Antonio Feliciano de Castilho (visconde de Castilho), Mendes Leal, Rebello da Silva, Silva Tullio, Andrade Ferreira, etc., principiaram a enriquecer as suas paginas com a sua prosa brilhante; e mais tarde Pinheiro Chagas, Osorio de Vasconcellos, Julio Cesar Machado, Vilhena Barbosa, e outros distinctos escriptores, conservaram as gloriosas tradições litterarias do importante semanario.

Pouco depois da fundação do *Archivo Pittoresco* principiou a collaborar Nogueira da Silva como dezenhador, e este notavel artista alli deu uma nova orientação á arte da gravura em madeira em Portugal, conseguindo brilhantes resultados, em que collaboraram João Pedroso, Coelho Senior e outros artistas que se criaram sob a protecção do *Archivo Pittoresco*, contando-se entre estes João Barbosa Lima, um artista de talento, que a morte cedo roubou á arte.

Quem escreve estas linhas tambem deu os seus primeiros passos na arte, no *Archivo Pittoresco* e o acompanhou até final.

Apenas o *Archivo Pittoresco* tinha completado o primeiro anno de existencia, teve de interromper a publicação, em consequencia de um grande incendio que devorou a typographia Castro, em fins do anno de 1857.

Pouco se salvou do horrivel incendio, e a typographia teve de se mudar para o palacio de Ferreira Pinto, á Boa Vista, estabelecendo-se na sobreloja com novo material e o pouco que se salvara.

Pouco tempo, porem, esteve a typographia n'esta casa. Mudou-se para o palacio do conde de Sampaio, tambem á Boa Vista, e n'esta casa, ampla bastante, melhor se estabeleceu, proseguindo então alli a publicação do *Archivo Pittoresco*.

Vicente Jorge de Castro punha n'esta publicação todo o empenho em a fazer progredir, pondo-a a par de outras publicações estrangeiras que ao tempo se publicavam lá fóra, muito especialmente o *Magasin Pittoresque*, de que o *Archivo* tinha tomado o modello.

Castro era incansavel, e, ora cuidando de melhorar a impressão, ora promovendo o estimulo entre os artistas para se aperfeiçoarem no dezenho e nas gravuras para publicar no seu periodico, conseguia os mais lisonjeiros resultados, como são boa prova a collecção do *Archivo Pittoresco* e o nome que elle deixou como publicação litteraria illustrada.

Para conseguir quanto possivel o aperfeiçoamento que desejava, estabeleceu em 1862, na sua typographia, um *atelier* escola de gravura, dirigido por Nogueira da Silva e João Pedroso, e n'elle reuniu os artistas que então havia, como foram José Baptista Coelho Junior, Antonio Vidal, João Barbosa Lima, e o auctor d'estas linhas, e admittiu alguns discipulos, dos quaes só vingou um, que foi João Maria Leotte.

O enthusiasmo com que Castro seguia os progressos d'esta escola, era maior do que aquelle com que parte dos artistas alli se tinham reunido para trabalharem e estudarem em commum, meio sempre proveitoso para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do trabalho, seja elle de que natureza fôr.

Effectivamente alguma coisa se conseguiu durante uns seis mezes que o *atelier* se conservou unido, mas não tardou que desintelligencias entre os artistas fizessem desertar cada qual para seu lado, principiando essas desintelligencias pelos directores do *atelier* e acabando pelos discipulos, de modo que ao fim de um anno, do *atelier* só existia a casa com as bancas de trabalho, artistas nem meio!

Nem por isso os esforços de Castro foram inuteis; alguma coisa se aproveitou d'aquella escola, a primeira que em Portugal se tentou, ainda antes de a haver na Academia de Bellas Artes de Lisboa. A divisão do trabalho conforme a aptidão de cada artista; a uniformidade no systema de corte; a adopção de ferramentas mais aperfeiçoadas, mandadas vir expressamente de Paris pelo proprietario do *atelier*, em substituição das que existiam assaz primitivas, foram outros tantos triumphos alcançados por Castro e que o compensaram da decepção que teve, ao ver o seu *atelier* deserto e menos agradecidos os seus bons desejos.

Mas não era esta a unica decepção que o esperava.

Seu irmão João Maria, menos enthusiasta do que elle por coisas d'arte, não quiz continuar a fazer parte da sociedade do *Archivo Pittoresco*. Foi lhe acceite a sua desistencia, e a sociedade continuou entre Vicente de Castro e Thomaz Gomes.

Ao tempo que se davam estas contrariedades, outros factos auspiciosos vieram, porem, animar a benemerita empreza, que tão corajosamente affrontava os obstaculos que se levantavam no seu caminho.

Uma sociedade portugueza, fundada no Rio de Janeiro com o titulo de *Sociedade Madrepora*, acolhera com enthusiasmo o *Archivo Pittoresco*.

A forma essencialmente patriotica d'este periodico, mesmo fanaticamente patriotica, encontrara echo e protecção n'aquella sociedade tambem patriotica, como todas as que os portuguezes fundam fóra da patria. A *Sociedade Madrepora*, para auxiliar tão util publicação, e para ao mesmo tempo estender até á patria dos seus associados a acção benefica e civilisadora que se propunha, tomou á sua conta um numero avultado de exemplares do *Archivo Pittoresco*, que mandou distribuir pelas escolas primarias de Portugal, com destino a servirem de premio annual aos discipulos que mais se distinguissem.

Teve o *Archivo*, então, uma grande extracção, e a empreza rejubilava por ver tão gloriosamente coroados os seus esforços. Chegaram-se a extrahir mais de cinco mil exemplares, a maior parte dos quaes eram distribuidos pelas escolas, conforme o ordenava a *Sociedade Madrepora*. Esta mesma sociedade constituira, para assim dizer, a empreza do *Archivo Pittoresco* sua correspondente em Portugal, e d'ahi o fazer-lhe encommendas diversas, que a empreza do *Archivo* satisfazia com pontualidade e exacção inexcedivel.

Os annos, porem, passavam e com elles augmentavam os volumes do *Archivo Pittoresco* e as encommendas da *Sociedade Madrepora*. As cifras cresciam desafogadamente, sem que nada atrophiasse o seu rotundo desenvolvimento, e apenas no *haver* da *Sociedade Madrepora* figuravam algumas epistolas promettedoras de grandes remessas de fundos, com que por algum tempo a *patriotica* sociedade entreteve a boa fé da empreza do *Archivo*, e depois nem isso. Nada, completamente nada.

A *Sociedade Madrepora* tinha-se desfeito como o fumo, depois de uma serie de recriminações com que os socios se queixavam d'outros socios que tinham roubado a sociedade, mas afinal quem ficou roubado foi a empreza do *Archivo Pittoresco*, em uma somma muito proxima de sete contos de réis.

A verdadeira patriota fôra a empreza do *Archivo Pittoresco*. Distribuira cerca de 15:000 volumes pelas escolas de Portugal em nome da *Sociedade Madrepora*, da qual não recebeu o seu valor.

Foi mais uma decepção que Vicente Jorge de Castro teve, o que o obrigou, mau grado seu, a terminar com a publicação do *Archivo Pittoresco* ao fim de onze annos de existencia gloriosa.

(Continua) *Caetano Alberto.*

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 299)

A constituição decretada pelas côrtes em 23 de setembro de 1822, acceite e jurada em 1 d'outubro seguinte, no titulo 1, *referindo se aos direitos e deveres individuaes dos portuguezes*, diz:

Artigo 7.º — A livre manifestação dos pensamentos é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo o portuguez póde conseguintemente, sem dependencia de censura prévia, manifestar as suas opiniões em qualquer materia, comtanto que haja de responder pelo abuso d'essa liberdade nos casos e pela forma que a lei designar.

Artigo 8.º — As côrtes nomearão um *Tribunal Especial*, para proteger a liberdade de imprensa e cohibir os delictos resultantes do seu abuso.

Reappareceu depois o absolutismo sempre prompto a aguilhoar as garantias individuaes.

Em maio de 1823, deu se o golpe de estado, que na historia patria ficou conhecido pelo nome de *Villafrancada*, movimento militar urdido e posto em pratica pelo infante D. Miguel, que sahiu de Lisboa com o fim de ir pôr-se á testa das tropas revoltosas e proclamar a quéda da constituição e restabelecer o absolutismo.

Este acto de rebellião, primeiramente condemnado pelo rei, mas logo em seguida por elle acceite, fez de novo levantar o collo á hydra do despotismo, resultando serem dissolvidas as côrtes constituintes, e a imprensa mais uma vez suffocada e opprimida. Os jornaes foram supprimidos (1).

Então algumas medidas rigorosas foram decretadas contra o jornalismo.

O decreto de 13 de novembro appareceu furibundo «prohibindo a todos os habitantes de Portugal, quer fossem nacionaes quer estrangeiros, fazer a assignatura de qualquer periodico ou folha impressa em paiz estrangeiro, escripta em lingua portugueza, sem que o seu auctor houvesse primeiro obtido licença regia para a sua circulação.»

Aos infractores era comminada a pena de quatrocentos mil réis de multa, acompanhada de seis mezes de prisão sendo portuguez, e da expulsão do reino, sendo estrangeiro.

Já a esse tempo a celeberrima intendencia geral de policia do reino, havia ressurgido — essa inquisição viva — como a havia alcunhado um deputado do soberano congresso (2). Ao intendente estava incumbida a espionagem mais ignobil, as inquirições e devassas, as denuncias mysteriosas, clandestinas, podendo fazer processar e prender a seu bel talante os que lhe eram suspeitosos.

Era o regimen do terror, e D. João VI bem o percebeu, porque levado pela sua natural bonhomia, prometteu ao povo uma Carta outorgada por elle proprio, que satisfizesse as verdadeiras aspirações populares, promessa que mesmo por ser liberal não se cumpriu, porque o não convinha ao partido reaccionario, então em grande força.

Este estado lastimoso de cousas, durou até ao fallecimento do rei, occorrido tres annos depois, em 10 de março de 1826, ficando senhor do throno o imperador D. Pedro, que, por decreto de 26 de abril delegou os seus poderes na infanta D. Isabel Maria, já de posse da regencia do reino desde 6 de março.

Em 29 de abril o imperador, cumprindo a promessa feita aos portuguezes pelo seu augusto pae, decretava, no Rio de Janeiro, a Carta Constitucional da monarchia portugueza, modelada pela Carta Constitucional da França, dada pelo rei Luiz XVIII aos francezes em 4 de junho de 1814, mas com latitudes muito mais liberaes que esta.

Pela nova lei fundamental se asseguravam aos portuguezes as suas prerogativas e liberdades publicas, que haviam sido destruidas pelo movimento revolucionario de Villa Franca; n'ella se promettia pelo § 3.º do artigo 145, *a livre communicação do pensamento por palavras e por escripto, e a sua publicação pela imprensa, sem dependencia de censura.*

Este novo periodo de liberalismo fez nascer muitos jornaes, uns que tiveram vida curta, outros que se prolongaram por alguns annos. Entre elles citaremos *O Amigo da Carta*, de Luiz Midosi; *O Argos Luzitano*, de Roussado Gorjão, bem como o *Cidadão Constitucional*, do mesmo jornalista; *O Fiscal dos Abusos*, de Faria d'Abreu; *O Imparcial*, de Silva Maia, o *Oraculo*, de Candido Sandoval; o *Portuguez Liberal*, de Evaristo José de Carvalho; a *Sentinella Constitucional; O Observador*, de Antonio Luiz de Seabra; o *Sol*; o *Pavilhão Luzitano*; o *Amigo do Bem Publico*; o *Clarim*; o *Despertador do Povo*; a *Doutrina Constitucional*, o *Escudo Constitucional*; o *Espelho da Juventude*; o *Genio Constitucional*, o *Invencivel*, e tantos outros que facilmente se encontrarão no decurso do meu diccionario e nos mappas estatisticos que acompanham cada letra em ordem chronologica.

Em 2 de maio d'esse anno teve logar a expontanea abdicação do imperador em sua filha a senhora D. Maria da Gloria, princeza do Grão Pará, cedendo-lhe todos os seus direitos á corôa da monarchia portugueza.

(1) Teixeira de Vasconcellos no seu livro *O Sampaio da Revolução*, diz que a restauração de 1823, fez calar o bico a todos esses rouxinoes para os não perseguir, nem elles mesmo o mereciam. Cantavam alto mas não tiravam o somno a ninguem.

(2) Ominosa instituição d'um governo absoluto, que havia sido extincta pelo decreto das côrtes geraes constituintes de 26 de março de 1823, sendo sanccionado esse decreto em 7 do mez seguinte. Essa medida legislativa, digna das côrtes liberaes que a tinham decretado, não chegou a vigorar pelos acontecimentos que immediatamente se seguiram, que restabeleceram a antiga forma de governo.

Em 31 de julho era jurada a Carta pela regente D. Isabel Maria, e em 4 de outubro em Vienna d'Austria pelo infante D. Miguel.

Isto porém, não agradava ao partido reaccionario. Em 10 de agosto sublevava-se a guarnição militar da praça d'Elvas a favor do absolutismo e na noite de 21 dava-se em Lisboa, o movimento chamado do *Campo Pequeno*, promovido pelo corpo de polica, que foi preso e desarmado pelo batalhão de 8 de caçadores.

Já no dia 18 a infanta regente, a despeito do que estava estabelecido na Carta, havia decretado a censura dos periodicos, circumscrevendo n'um circulo de ferro as regalias da imprensa periodica.

Como se vê as cousas encaminhavam-se para o absolutismo com o maior displante que póde imaginar-se.

Em 5 de outubro, revoltou-se em Villa Real o celebre general realista, marquez de Chaves. Dois dias depois rebentou a revolução chamada do Algarve, promovida pelo barão da Portella contra a Carta e proclamando rei *D. Miguel I*.

(Continua) *Silva Pereira.*

FONTES PEREIRA DE MELLO

IX

Apesar porem da guerra tenaz movida pela opposição, apesar de ter voltado a campo esse energico luctador, o actual marquez de Thomar, cuja robusta velhice tem sobrevivido a todos os seus adversarios, apesar de Fontes Pereira de Mello ter de defender não só os seus actos e a sua personalidade, mas a personalidade e os actos do duque de Saldanha, que era o alvo constante das aggressões do conde de Thomar, não só o ministerio sahio victorioso e immune de todas as refregas parlamentares, mas continuava a dar ao paiz um impulso notavel na senda dos melhoramentos. Podia dizer, com orgulho, Fontes Pereira de Mello que gastára 4:000 contos em obras publicas, mas que estavam já construidos 460 kilometros de estradas, 120 em construcção, 17 pontes feitas, assegurada com subsidios a navegação a vapor no Tejo e no Sado, entre Lisboa e os Açores, e finalmente contractado com a casa Bréguet de Paris o estabelecimento da rede telegraphica electrica em Portugal, e contractada egualmente a construcção do caminho de ferro internacional. E é verdadeiramente notavel que os melhoramentos que Fontes não poude levar a effeito foram tambem por elle decretados, fazendo-se a primeira tentativa para elles se realisarem. Assim foi que em 1855 se decretou a construcção do caminho de ferro de Cintra e dokas do porto de Lisboa, e o abastecimento de aguas da capital. Não foram as empresas que primeiro contractaram esses melhoramentos que as levaram a cabo, mas a idéa, que só depois fructificou, foi lançada á terra por Fontes Pereira de Mello.

Tratava-se tambem de uma empreza mais difficil do que todas as outras, tratava-se da restauração do nosso credito no estrangeiro, credito que se achava terrivelmente ferido, porque os nossos fundos não tinham cotação na praça de Londres.

Fôra recusada a cotação, ou antes fôra-nos tirada a cotação, porque assim o requerera uma commissão de *bond holders*, ou portadores de titulos, que para fazerem esse pedido se baseavam no artigo 69 do regulamedio do *Stock-Exchange*, que diz o seguinte:

«O *Stock-Exchange* não tomará conhecimento dos papeis ou *bonds* de qualquer governo estrangeiro, que não tenha pago os dividendos dos anteriores emprestimos.»

O governo portuguez suspendera o pagamento dos juros dos seus emprestimos, caíra por conseguinte debaixo da comminação d'este artigo, e era difficilimo, parecia quasi impossivel recuperar a cotação, desde o momento que fôra absolutamente impossivel ao governo deixar de fazer uma conversão, impondo aos credores, para assegurar o futuro, e para liquidar o passado, um certo sacrificio.

Os inglezes não attendem a essas coisas, e pouco lhes importa a situação embaraçosa e cruel em que se acham muitas vezes as nações pobres. Pague se primeiro que tudo a John Bull. Quem não paga integralmente a John Bull o que este lhe emprestou com farta usura, é um villão ruim que não merece tomar parte no convivio das nações civilisadas. Portugal não pagára, logo Portugal era um villão ruim, e não podia senão encontrar fechadas as portas macissas do *Stock-Exchange*.

Entendeu o gabinete que havia só um homem que podia forçar essas portas brutaes, era o ministro dos milagres, o homem, que todos os dias arranjava dinheiro para pagar em dia aos empregados publicos, o homem que conseguira que os asperos capitalistas de Lisboa abrissem as suas bolsas ao governo, que ferira comtudo mortalmente a usura, o homem que mantinha esse estado de coisas que o conde de Thomar, e outros vultos eminentes da opposição classificavam todos os dias de phantasmagorico, e que em todas as sessões do parlamento declaravam que terminaria no dia seguinte. Tão phantasmagorico era, tanto terminou com brevidade, que ainda hoje dura, e suppomos que sempre durará.

Mas não podia durar com toda a certeza, não podia prolongar-se, nem se podia continuar tambem na senda dos melhoramentos publicos, não se podia continuar com a construcção da rede das estradas, não se podia terminar o caminho de ferro internacional, nem começar o do Porto, que o conde da Taipa classificava de *caminho de ferro insano (!)*, e que é hoje a linha ferrea mais rendosa de Portugal, e relativamente uma das mais rendosas da Europa, não se podia abrir o caminho de ferro do sul, se a Bolsa de Londres continuasse fechada, e se fosse necessario recorrer exclusivamente ao credito em Portugal. Os capitaes portuguezes não bastavam, pelo menos sem uma grande perturbação economica, para accudir a todas as necessidades do paiz.

Foi em novembro de 1855 que Fontes Pereira de Mello partiu para o estrangeiro, e depois de mais de um mez de lucta acerrima, em que por mais de uma vez perdeu a esperança, mas nunca a tenacidade, Fontes assignou emfim o famoso accordo de Londres, que nos abria de novo as portas dos mercados inglezes, e assegurava aos nossos fundos a cotação do Stock-Exchange.

Encontrára primeiro uma resistencia que parecia invencivel, chegou a sahir de Londres completamente desalentado, e a partir para Paris afim de retemperar as suas forças; mas em toda a parte era recebido pelos mais altos personagens com todas as provas de consideração e de estima. Em Londres a rainha Victoria convidava o e recebia-o affectuosamente; em Paris o imperador Napoleão III mostrava empenho pessoal em conhecel-o, e convidava-o a jantar nas Tulherias, e em toda a parte o nosso ministro deixou as pessoas com quem tratou encantadas com as suas maneiras, com a sua linguagem cheia de fogo e de animação, com a convicção profunda que o animava de que o seu paiz ia entrar n'uma senda de reorganisação e de resurreição. Não era isto indifferente para as negociações. Em Londres sobretudo a alta consideração com que Fontes era tratado pelos mais altos personagens da côrte ingleza reflectia-se na attitude dos *bondholders*.

É certo que emfim o impossivel conseguiu se, a intransigencia ingleza cedeu e o credito portuguez renasceu afinal.

A victoria era completa, mas o ministerio tinha de a pagar com a existencia. Effectivamente era claro que não podia assegurar-se aos banqueiros inglezes que se ia entrar em vida nova se se tratasse de levantar um grande emprestimo de 13:500 contos, se se tratasse de fazer grandes melhoramentos, se se tratasse de pagar pontualmente os juros, e de cumprir estrictamente as obrigações do accordo de Londres sem se crearem recursos novos. O lançamento de impostos era inevitavel, e Fontes não hesitou em propol-o.

Note se que, recorrendo aos addicionaes como o imposto que menos resistencia podia levantar, evitando o procurar novas incidencias, Fontes Pereira de Mello o que fazia principalmente era refundir alguns impostos, simplificando os e melhorando o seu lançamento. Em todo o caso era evidente que pedia, nem podia deixar de pedir, um sacrificio ao paiz.

Os empregados achavam excellente que se pagasse em dia, os juristas achavam optimo nunca deixarem de receber no fim dos semestres os seus dividendosinhos, os homens graves reconheciam que tinha um alcancee norme para a consideração do paiz, para a sua politica estrangeira, para a sua vida economica o terem os nossos fundos cotação em Londres, os commerciantes e os agricultores abençoavam as estradas, os caminhos de ferros, as linhas de vapores, mas todos queriam que isto se fizesse de graça, todos queriam que nunca se lhes apresentasse a conta.

Era porém tão evidente que o sacrificio que Fontes Pereira de Mello pedia era minimo em comparação dos enormes beneficios que da sua administração resultavam que se pode dizer que a opinião publica se manteve favoravel a Fontes, emquanto a opposição levantava clamores tempestuosos na camara e promovia a agitação do paiz, fazendo com que se cobrissem de assignaturas as representações contra os projectos do governo. Foi essa a famosa campanha dos cincoenta mil peticionarios. É bem facil n'um paiz de quatro milhões de habitantes arranjar cincoenta mil pessoas que peçam para não pagar impostos.

Apesar d'essas reclamações, o governo sentia-se tão forte que, tendo obtido sem a minima agitação a votação dos seus projectos na camara dos deputados, preparava-se para a campanha na camara dos pares, onde tinha uma forte opposição, desde que o conde de Thomar voltára á lucta, quando encontrou um obstaculo em El-Rei. Precisou o governo de uma fornada para ter maioria na camara alta; D. Pedro V recusou-lh'a. Entendia o joven soberano que o ministerio tinha já cinco annos de governo, e que pareceria incorrecto ir elle annullar o voto da camara dos pares, quando cincoenta mil peticionarios no paiz pareciam reforçal-o. Na situação especial em que se encontrava esse monarcha de desenove annos, talvez não devesse proceder de outro modo, mas o que é certo é que o ministerio regenerador caiu com tanta força, que o gabinete Loulé, organisado a 6 junho de 1856, teve de ir dizer á camara que o seu programma era o programma dos seus antecessores.

Não podia ter triumpho mais completo esse governo que tão vigorosamente justificava o nome que o partido assumira, *regenerando* Portugal.

(Continúa.) *Pinheiro Chagas.*

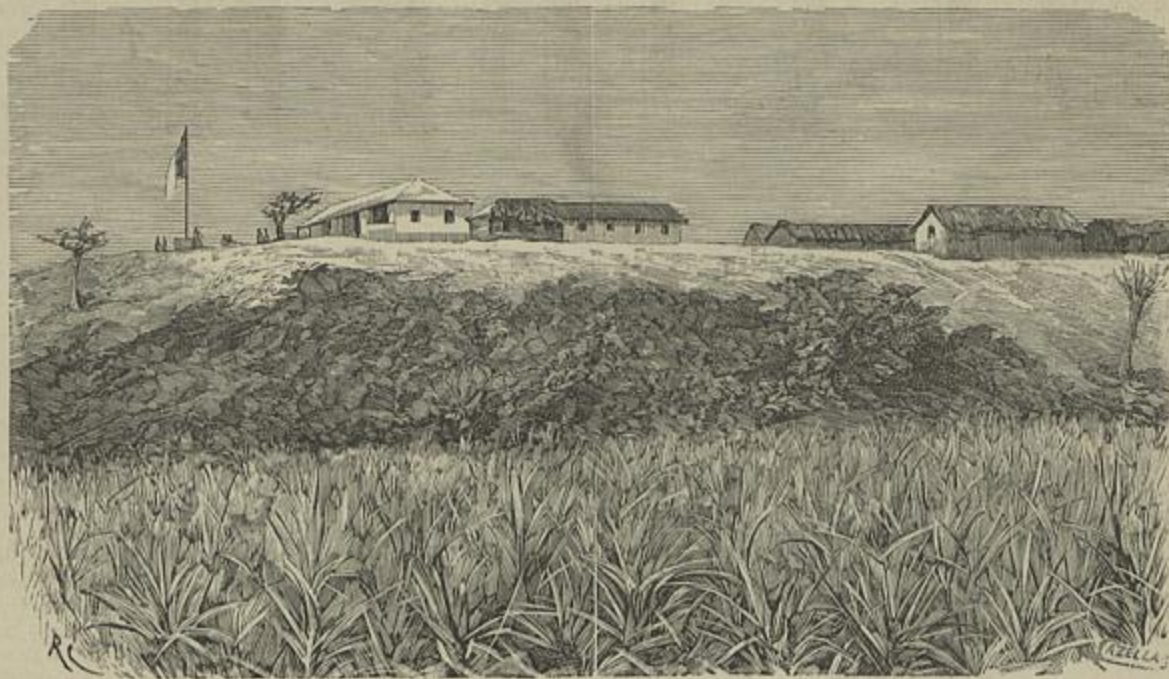
RESENHA NOTICIOSA

Exposição. Deve realisar-se em Vincennes, durante os mezes de maio a novembro do corrente anno, uma exposição internacional de material de caminhos de ferro e industrias correlativas. Esta exposição é de iniciativa particular.

Casa onde nasceu Bocage. Foi vendida em Setubal a casa onde nasceu Manuel Maria Barbosa do Bocage. Comprou a casa o sr. Bartissol distincto engenheiro francez ha annos residente em Portugal, e que é hoje um dos primeiros viniculdores do nosso paiz. O sr. Bartissol offereceu a casa á camara municipal de Setubal para ella a conservar. Veremos o que a camara faz, e estimaremos ter de a louvar pela boa applicação que der á generosa e significativa davida do sr. Bartissol, já que a não podemos louvar por ter adquirido á sua custa esta casa, em que nasceu um dos mais distinctos filhos de Setubal e inspirado poeta portuguez, como lhe cumpria. É preciso supor que os recursos do cofre municipal são quasi indigentes para que assim a camara discurasse este sagrado dever.

Premios aos professores primarios. A camara municipal de Agueda estabeleceu um premio de 20$000 e outro de 10$000 para os professores primarios que mais se distinguirem no ensino, no anno corrente. Este premio estabelecido conforme os recursos do seu cofre, não deixa porém de tornar digna de todo o louvor a illustrada corporação camararia, e de ser um exemplo digno de o imitarem as camaras municipaes que estiverem n'essas circumstancias.

Jardim Zoologico. A camara municipal de Lisboa concedeu o subsidio mensal de 150$000 réis ao Jardim Zoologico de Aclimação de Lisboa. É de todo o ponto digna de louvor esta resolução que vae atenuar as difficuldades com que esta util instituição está luctando.

Um christão casado com cinco mulheres. Conta um jornal brazileiro um caso singular extremamente curioso. Eduardo Augusto de Oliveira Guerreiro, natural de Portugal, onde é casado, fôra para o Brazil e estabeleceu residencia em Piracicaba, casando pouco depois com a filha d'um capitalista. De Piracicaba veio a Portugal em viagem de recreio gosando o dote de sua segunda mulher; mas como não ha gosto perfeito, foi reconhecido em Coimbra, como auctor de dois crimes sem fiança e pelos quaes se achava pernunciado em Vizeu, e alli foi preso sendo condemnado a degredo para a Africa. Conseguiu, porém, evadir-se sem cumprir o degredo, e ei-lo de novo no Brazil, na Penha do Rio do Peixe, na provincia de S. Paulo, mudando o nome e casando pela terceira vez. Reconhecido por um individuo de Piracicaba, tratou immediatamente de mudar de terra, e fugio para o Rio Grande do Sul, deixan-

AFRICA PORTUGUEZA — CASAS DE HABITAÇÃO NA FAZENDA GRATIDÃO (Segundo uma photographia)

do a sua terceira mulher, e tornando a mudar de nome, foi residir para um logar chamado a Cinza. Aqui casou mais uma vez, mas a policia que já lhe andava na pista, deu com elle e conduziu-o preso para Porto Alegre, onde este novo Barba Azul negou estes crimes assim como o de ter casado em Barbacena, na provincia de Minas Geraes, conforme constou á policia, dizendo não ser elle mas sim um individuo muito parecido com elle. O auctor de todas estas aventuras tem apenas 27 annos de idade, e se fosse por este andar chegaria a ter mais mulheres que o sultão no seu aren. O castigo mais logico que se poderia dar a um sujeito d'estes, seria obrigal-o a juntar-se com as suas cinco mulheres e ter de trabalhar para as sustentar a ellas e a toda a sua prole.

PARTIDA. Seguiu viagem para Zamzibar a bordo do paquete *Hawarden Castle*, no dia 18 do corrente o sr. Hermenegildo Capello commissario portuguez junto do Sultão de Zamzibar que vae tratar da questão dos limites entre aquelle paiz e os territorios portuguezes. No mesmo navio seguiu tambem o sr. Visconde de Castilho que foi nomeado consul de Portugal em Zamzibar.

CONFERENCIA DO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA NA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA. Em a noite de 18 do corrente, realisou o sr. ministro da justiça Francisco Beirão, uma conferencia sobre o novo codigo commercial. Presidiu a sessão o sr. commendador Polycarpo José Lopes dos Anjos, achando-se na sala um grande auditorio composto dos socios, jurisconsultos, jornalistas etc. O sr. Beirão discursou por espaço de duas horas, referindo-se aos pontos importantes da nova lei, ha tanto tempo reclamada pelo corpo commercial, mas que differentes causas não tinham ainda permittido organisar. O codigo commercial que ainda hoje está em vigor é de Ferreira Borges, um codigo magnifico para o seu tempo, mas que ao presente tem grandes inconvenientes, em face de outras leis mais modernas e da orientação commercial de hoje. O sr. ministro da justiça foi muito applaudido, e grande louvor lhe cabe por ter conseguido este grande melhoramento para o commercio. S. exª, partiu no dia seguinte para o Porto, onde vae fazer outra conferencia em presença da associação commercial d'aquella cidade.

CONCURSO DE BELLAS-ARTES. A Academia de Bellas-Artes do Porto abriu concurso para a adjudicação de tres premios honorificos, sendo um para pintura historica, outro para esculptura e o terceiro para architectura.

OBRAS DO PORTO DE LISBOA. Já foi assignado pelo sr. Hersent o contracto definitivo das obras do porto de Lisboa. Estas obras, conforme o referido contracto foram arrematadas por dez mil e setecentos contos. Os primeiros trabalhos deverão principiar em agosto proximo calculando-se que dentro em dois annos já haverão trabalhos concluidos com que o commercio aproveitará. O sr. Hersent é de opinião que o porto de Lisboa, depois das obras que se lhe vão fazer, ficará o primeiro porto do mundo. Esta opinião confirma simplesmente a opinião unanime do paiz, que aliás de ha muito reconheceu a importancia d'esta obra.

O sr. Hersent lembrou a conveniencia dos estudantes de engenheria praticarem n'estas obras, para o que elle facilitaria todos os recursos. Achamos a idéa perfeitamente acceitavel e de grande utilidade, pois as obras do porto de Lisboa pela sua grandeza e importancia, podem bem considerar-se uma escola de engenheria.

FALLECIMENTO. Falleceu na avançada idade de 85 annos o sr. João Maximo da Silva Rodovalho, vice-almirante da marinha portugueza. Este official estava reformado d'esde 1873. Prestou muito bons serviços na armada de que era um dos mais distinctos officiaes, desempenhando commissões de serviço, das mais importantes.

CONGRESSO DE ASTRONOMIA. — Reuniu em Paris um congresso internacional de astronomos, para accordar na execução da planta photographica do ceu. Por parte de Portugal foi enviado o sr. Frederico Oom, director do Observatorio da Tapada da Ajuda.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista de Medicina Militar, director Eugenio Augusto Perdigão, Porto. Fasciculo 13.º de 1 de Abril de 1887. O summario d'esta interessante revista medica é o seguinte: A commissão allemã e a vaccinação, por Mario de Castro, cirurgião-mór; A Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha, por Eugenio Perdigão, um bello artigo em que o sr. Perdigão faz a historia resumida d'esta sociedade humanitaria, que tem as suas ramificações em todos os paizes civilisados e agora vae reviver entre nós pelos esforços de alguns cavalheiros que n'isso se acham empenhados; chronica, boletim official e noticiario completam este numero da *Revista de Medicina Militar*.

A Ilha Mysteriosa, *primeira parte Os Naufragos do ar* por Julio Verne, traducção de Henrique de Macedo, David Corazzi, editor, Lisboa. Mais um volume da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos, a grande obra de Julio Verne hoje conhecida em todo o mundo civilisado.

As farpas, *O paiz e a sociedade portugueza.* Fasciculo 2.º da reedição melhorada d'esta notavel publicação de Ramalho Ortigão, dada agora a estampa pelo editor David Corazzi, conforme já noticiamos em um dos numeros antecedentes do OCCIDENTE.

Miniaturas, *em prosa* por Neves Barreto, Imprensa Real, Porto, 1887. Uma serie de pequenos contos, verdadeiras miniaturas pelo tamanho e pela delicadeza com que são feitos, denunciando no seu auctor qualidades litterarias muito apresiaveis.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, illustrada, por José de Arriaga, Lopes & C.ª Successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculo 11.º com que termina o primeiro volume d'esta importante obra que tem sido publicado com a maior regularidade. Correspondente a este volume ha um brinde a distribuir aos assignantes, o qual consta de um quadro historico, composição do pintor Joaquim Victorino Ribeiro, e que se está reproduzindo na Allemanha. A assignatura para esta obra continua a estar aberta, sendo agente da empreza em Lisboa, o sr. Sergio da Silva Magalhães, na Calçada do Combro n.º 20, onde se recebem assignaturas.

Jornal de Pharmacia e Chimica, *publicação mensal*, redacção C. von Bonhorst, J. Holtreman do Rego Botelho, J. de J. Pires, Francisco J. da Costa e F. J. Rosa, n.º 3 correspondente ao mez de Março, com artigos sobre analyses chimicas, pharmacia, hygiene etc.

TYP. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.